

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n. 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 9 DE DEZEMBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assignatura annual. . . 12\$000
 " semestral 7\$000
 Numero avulso. . . \$200
 " atrasado . . . \$300

As assignaturas terminam sempre em junho e dezembro

SUMARIO.—Historia dos sete dias—Julio Valmor; O eterno dialogo, poesia—Magalhães de Azeredo; Caricias—Garcia Redondo; Gazetilha litteraria; Mola real, poesia—Domingos C. Lopes; Mana Minduco—Pedro Rabello; Scintillas, soneto—Siva Tavaras; Os collegas; Os que surgem; Vatico, poesia—Themistocles Machado; Factos e Noticias; Correio—Enrico; Tratos á bola—Fr. Antonio.

Historia dos sete dias

O chronista ignora absolutamente, e não se peja de o confessar, como foi que se passaram para toda a gente os sete dias decorridos. Para elle foram deliciosos. Olhos fechados para o exterior e abertos apenas para o lado da alma, d'onde se descortinam horizontes illimitados, que se estendem passado fóra, esbatidos suavemente pelo vago crepusculo da saudade.

E' que recebera no domingo A SEMANA e, por uma coincidência muito grata ao seu coração, volviam a emparelhar-se na collaboracão daquelle numero dois nomes que ha já bastantes annos no hemispherio de além haviam começado juntos a viver a vida do espirito: o do estimavel autor da "Botanica Amoroza" e o que pretenciosamente se encobre com o pseudonymo que subscreve esta chronica, como se a sombra que o envolve a elle proprio não fosse bastante para occultal-o de todo.

Isto passou-se em Coimbra, para onde as nossas familias nos haviam mandado com o fim de nos exercitarmos

"no valeroso officio de Minerva"

Foramos convidados por um bohemio encantador, de decidida vocação para as letras e que toda a gente affirmava que nunca seria outra cousa, para conduzirmos juntos um "Peregrino", folha litteraria, que se lra sustentando do parco allimento que os nossos espiritos lhe dessem e das mlgalhas que dos seus opiparos banquetes lhe mandassem os maiores do cenaculo da Couraça: o João Penha, o Gonçalves Crespo e o Guerra Junqueiro, e do qual também fazia parte o futuro autor dos "Arminhos"

Abraçamos com enthusiasmo a idéa do nosso amigo e sem esperarmos que amadurecessem os fructos do nosso estro, assim mesmo verdes os lamos lançando na sacco daquelle "Peregrino"

que ingenuamente acreditavamos nos havia de levar á gloria.

Garcia Redondo encarregou-se de obter alguma cousa dos seus companheiros. Os poetas da Couraça não se fizeram esperar e mandaram-nos esta cousa;

"E os lemures da noite vão passando
 Ante os olhos cansados do vidente!
 Sou a larva que vaga eternamente
 Das larvas sepulchraes por entre o bando.

D'onde venho? Quem sou? Astro de um dia,
 Que o pé do Creador lançou no espaço,
 Descrevendo ao cahir sombrio traço
 Nas laminas da noite humida e fria...

Não comprehendem? Também nós então não comprehendemos, mas assentámos em que devia ser sublime, visto como para produzir aquella obra ingente, havia sido necessario consociarem-se os engenhos de todos tres, como se deprehendia da assignatura, formada da inicial de cada um.

Isto era bom; mas tudo passa. D'alli a dias, Redondo partia para Paris, se me não engano, onde se transformou em curto prazo n'um engenheiro distinctissimo; o redactor principal da folha, desperdiçados mais alguns annos na bohemia das letras, lá seguiu também para a grande Capital do mundo, d'onde regressou passados tempos um psychiatria notavel, citado pelas summidades medicas da França, uma gloria para o seu paiz. S. Paulo ufana-se de hospedar neste momento o Dr. Bettencourt Rodrigues. Quem isto escreve ia iniciar a conhecida viagem de cinco annos através as reglões ennevoadas do Direito, sempre na alegre companhia de Gonçalves Crespo, que nunca mais perdeu o anno depols que se determinou a abandonar as sciencias naturaes.

Comprehendem agora com que doce satisfacão interior encetou o chronista os sete dias, satisfacão continuada a seguir pelo jubilo inexprimivel de contemplar em effigie o aprimorado escriptor, em cartões por elle enviados aos directores desta folha.

Estas recordações fazem-nos velhos; resta-nos, no entretanto, uma consolacão: é que, por tantas illusões que nos fugiram ainda uma nos ficou, por ventura tão viçosa e cheia defrescura como na idade juvenil: o enthusiasmo illimitado pelas letras.

A' chronica não pôde deixar de ser em extremo sensivel a formidavel tarefa que apanharam os traductores do soneto "La Mort du Christ." E' que o chronista não ignora que o amor proprio mais irritavel, tirante o das mulheres, é sem contestação o dos poetas.

Sempre me ha de lembrar o que me succedeu com Fernando Leal, um escriptor portuguez de subido mereci-

mento e que, supposto menos conhecido como poeta, bastaria a conquistar-lhe tal nome a superioridade de alguns dos seus trabalhos em verso.

Em uma quinta feira santa, em que juntos andavamos os dois pereorando as egrejas em Lisboa, Leal, quiçá por aligeirar a via-sacra, fez-me ouvir a sua ultima poesia, uma ode ao sol, se bem me lembro, pedindo-me que lhe revelasse com toda a sinceridade a minha impressão.

E' claro que tomei como simples cumprimento o interesse que me manifestava por um juizo que, por obscuro em nada podia influir na reputação gradualmente crescente do já então estimado poeta.

No entretanto, satisfiz sem tergiversar, applaudindo incondicionalmente o seu trabalho.

Insiste Leal, rogando-me que me não deixe levar por considerações de delicadeza ou de amizade e que examine detidamente a poesia, afim de declair se produzirá bom effeito.

Escuto-lh'a de novo, com todo o prazer e tenho a satisfacão de confirmar o meu juizo.

Passam-se tempos e uma bella noite, entrando na cervejaria Leão, por aquelle tempo ponto de reunião de artistas e poetas, avisto abancados Fernando Leal e o malaventurado Cesario Verde.

Como quer que naquelle mesmo dia tivesse apparecido publicada a poesia que eu escutara a Fernando, apressadamente a felicital-o mais uma vez pela sua bem trabalhada producção.

Ainda agora não explico a mim mesmo o que levou o autor da ode ao sol, que áquella hora já havia recebido do publico a consagração da sua obra, a instar mais uma vez pelo meu parecer.

"Com franqueza, observei-lhe. E' uma bella poesia. Apenas algum grammatico em demasia escrupuloso poderá fazer reparo em que tratando o autor por "tu" o sol, logo adiante passe a tratá-lo por "você," obrigando os verbos a uma evolução da segunda para a terceira pessoa; mas isto, afinal de contas, até imprime nos versos um certo sabor de naturalismo, visto como são frequentes taes saltos na conversação familiar."

Palavras não eram ditas, eil-o que cresce para mim numa invectiva por tal fórma insultuosa, acompanhada de gestos por tanta maneira decisivos de me atirar com qualquer cousa, que, se Cesario não se mette de permeio, com certeza teriamos offerecido á galeria o espectáculo gratuito de um esmurraçamento olympico.

Não satisfeito com este movimento inconsiderado de uma irritabilidade atrabiliaria, retirou-me a sua amizade.

Com Cesario Verde, que tão nobremente conseguiu libertar-me da ira enfurecida do poeta allucinado, aconte-

ceu-me um caso um tanto semelhante, que, conquanto menos violento, não delva de patentear igualmente como é feuil de azedar-se o fermento de que é feita a inspiração dos poetas.

Uma manhã subiamos nós o Chiado, de braço dado, e Cesario ia-me repetindo uma bellissima poesia, de cujo nome não me recordo, em que comparava a fructos as diversas partes do corpo humano, fazendo avultar, com aquella originalidade que só elle possuía, a estranha ligação que prende o homem á restante natureza.

Ouvi-lhe os versos com o sorriso nos labios, como quem encontra no sorriso a mais suave expressão das alegrias interiores, quando a alma sente expandir-se na contemplação maravilhada de qualquer quadro encantador.

Ao terminar a poesia, o meu jubilo havia attingido a maxima intensidade, que se traduziu na mais irreprimida jovialidade que dar-se pôde.

Qual não é, porém, o meu espanto ao ver Cesario retrahir-se-me, e orar até ás orelhas e observar-me, encordado: "E' preciso que V. saiba que nunea me passou pela idea que os meus versos fariam rir quem quer que fosse. Si o tivesse adivinhado teria poupado a mim mesmo essa desillusão e a V. o esforço supremo de esanear as mandíbulas."

E nunea mais me disse versos. E esta? Aproveitaram-me as lições. Dahi em diante jámais deixei de oppor a mais inexpressiva das physionomias sempre que um poeta me concede a suprema ventura de desenrolar diante dos meus olhos ou dos meus ouvidos as maravilhas do seu estro.

Por isso avalio bem quanto aquella sentença firmada por tres poetas de primeira grandeza deve ter bulido profundamente com o amor proprio de cada um dos concorrentes. No entretanto, ousou affirmar, não ha motivo para isso.

Os distinctos poetas julgadores não podiam melindrar com o seu parecer nem os traductores nem as traducções. Não podiam melindrar os traductores pela razão de que ignoravam absolutamente quem estes fossem; não podiam melindrar as traducções porque não tendo elles jámais recebido de nenhuma dellas a mais ligeira offensa, não se pôde razoavelmente aereeditar que hajam tido o minimo interesse em lhes serem desagradaveis.

Si as receberam com quatro pedras na mão é que ellas se lhes não apresentaram com aquelle requintado esmero que convém a filhas que pretendem honrar o nome de seus pais. Foi, portanto, por consideração com esses mesmos progenitores que elles lhes negaram a caricia affectuosa com que poetas daquella elevação tem o poder de transmitir n'um beijo a immortalidade.

JULIO VALMOR.

O ETERNO DIALOGO

A Valentim Magalhães.

O coração

Eu sou o fœo, o centro, o fundo
De toda a sensação humana:
Concreto e resumido mundo,
Em que é real tudo, e nada engana.

Si o olhar, por um pendor magnetico,
Pousa, febril, em outro olhar,
Ou vulto finamente esthetico
Se delicia a contemplar;

Si affaga o ouvido um som mavioso,
Uma voz melga e femilna,
Que todo o enleva e attrahe, no goso
Da symphonía mais divina;

Si prende o olphato a undosa coma,
Ou o beijo de uma ideal mulher,
Ou flôr, que penetrante aroma
No seio d'ella foi colher;

Logo, em meu amago desperta,
Reflecte uma sonora fibra,
A emoção justa, a imagem certa,
Que nos sentidos freme e vibra.

Em mim, da criação demora
O multiplo segredo; em mim
Guardo da vida, hora por hora,
Germen, principio, melo e fim!

O cérebro

Ha um verme occulto no organismo,
—Verme immortal, que, a pouco e pouco,
Cava de ruina hiante abysmo,
Onde o homem cahe, perdido e louco;

E és tu, não outro, o feroz verme,
Que, pelas trevas e á traição,
Rasga, trueida um peito inermes,
O' presumpçoso coração!

Com teus encantos não me illudo,
Nem julgo poucos os teus crimes;
Tudo destroes, corrompes tudo,
De teus furores nada eximes!

Não fôras tu, genio perverso,
Genio fatidico do mal,
Que outro seria, que diverso
Nosso destino! Quietos, igual,

Corrêra o fluxo da existeneia,
N'uma perpetua primavera,
Entre os enlevos da sciencia,
E a luz do sol, que o prazer gera!

A vida é lugubre contigo;
Pois, de erro em erro a progredir,
Em cada ser um inimigo
Teu e meu queres conseguir!

Pões entre mim e a natureza
Um véo de pranto e sangue e lucto;
Do teu elamor sem termo prêsas,
Si quer a voz de Deus escuto!

O coração

A' sêde atroz que nos consome,
Fonte escassissima propões;
Ha nella balsamo que dome
A aneia das nossas afflicções?

A sciencia! então, os seus arcanos,
Por mais serenos e elevados,
Saeiar logram os humanos
Desejos? Dormem socegados.

Na alma os activos sentimentos,
Porque demonstra Galileu
Que a terra, em longos gyros lentos,
Rola atravez do infindo ceo?

Si os astros seguem, cautelosos,
A tel, que os rege em seu caminho,
Nós revoltamo-nos frosos
Contra fadario tão mesquinho!

Quem de um brocardo ou de um theorema
Na sequidão pode suppor
Exista a predica suprema,
Que o choro estanca e leva a dor?

Surja e responda o velho Fausto,
Que ao torvo nune da verdade
Se devotara em holocausto,
Desde a mais verde mocidade!

Onde essa fonte encanecida
A' juventude renasceu?
Loura e piedosa Margarida,
Não foi, mulher, no selo teu?

O cérebro

Ousas falar-me de mulheres!
Tu, que do bem, trêdo, as afastas,
E com visões impuras feres
A phantasia das mais castas!...

Por ti, Helena o esposo honesto,
Insana, prófuga, trahiu;
E em dura guerra e exilio infesto
A avlta Hion se consumiu!

Por ti, num osculo subllime
(Como vivêra, si o não dêsse?)
Francesca o amor culpado exprime,
E em justiceiras mãos perece!

Por ti, o virus do adulterio
Macúla os leitos conjugaes;
E odio, clume, vituperio
Vem resolver-se em pranto, em als!

Mas que acerbissima vingança
Te faz soffrer a sorte dura!
Tua fraqueza não descansa
Nunca, do berço á sepultura!

Urdindo tramas e desgraças,
De que, não raro, o acaso ri,
Nas proprias rêdes te embaraças,
E fazes mal sómente a ti!

A vasta liberdade eu tenho;
Tu serves a um senhor cruel,
Submisso o adoras,—com que empenho!
Contaminar-te em lodo e em fel!

Debil, arrastas as cadelas
Da escravidão mais degradante;
Gemes, e lubricas sereias
Zombam de ti a cada instante!

O coração

Que importa? Assim qual ful creado,
Palpitarei até morrer;
Amar, si bem não sendo amado,
—Eis meu supplicio... eis meu prazer!

Haurir do goso a taça inteira,
E a do infortunio, aspero e rude,
Esta é a gloria sobranceira
Da vida em sua plenitude!

Si tudo mente em toda parte,
Si as nossas creanças nada são,
Ao menos tenho a divina arte:
Fazer um céo... de uma illusão!

Magalhães de Azeredo.

Uma hora sósinhos

(VIAGEM PELO PAIZ DA TERNURA)

1884

A minha mãe

Uma manhã ella disse-me:
— Preciso sahir hoje para fazer algumas compras; as creanças estão sem roupa. Sei que não podes acompanhar-me, mas podes ficar com os meninos; eu levarei commigo Elizinha e demorar-me-hei pouco.

Eu tinha nessa época um trabalho colossal e urgente entre mãos, que, dia e noite, me trazia amarrado á secretária; não podia perder um minuto.

Disse-lhe que sim, que levasse a menina, que eu ficaria em casa com os meninos.

— Mas... tomas sentido nelles?... Tu andas tão occupado... Posso ir tranquilla?...

— Podes, podes.

Foi difficil convencer os meninos de que a demora da mamãe seria curta. Elles tambem queriam ir. O passello tem taes encantos para as creanças!...

O Manoelito, fazendo beicinho e com os olhos rasos de agua, dizia:

— Eu já sei vestir-me sósinho, mamãe, eu já sou um homem; não é preciso que você me vista, quer ver?...

O Alfredinho, mais pratico, para mostrar tambem que não precisava de auxilio estranho para vestir-se, tinha posto já um grande chapéo na cabeça e, de babelro, arrastando a minha bengala, dizia alegremente com os seus labios

vermelhinhos e ainda lusentos do leite que acabara de beber :

— Estou prompto, mamão.
— Afinal, ante a promessa de umas gulodices, resignaram-se a ficar.

Mela hora depois, da minha mesa de trabalho eu ouvia as ultimas recommendações que ella lhes fazia :

— Que se comportassem bem... que ella voltaria em breve e elles havia de trazer muita cousa boa.

Ouvi fallar vagamente em empadinhas de camarão, *mãe-bentas*, *balas* de ovo e *boubons fondants*.

Depois, entreahriu-se a porta do meu escriptorio e ella disse-me :

— Até já; vê lá se te esqueces de olhar pelas creanças...

— Podes ir tranquillá, ficam ao meu cuidado.

Sahiu.

Fazia um bello dia primaverino. Pelas janellas do meu escriptorio completamente abertas, o sol entrava alegre e creador e illuminava o aposento com uma luz viva e saudavel. Na rua, as carroças corriam á desparada, fazendo um ruido ensurdecedor sobre o calçamento. A casa vibrava á passagem das carroças e os canarios da vizinhança enchiam o ar de canticos festivos. Uma manhã deliciosa, propicia ao pruzer e ao labor da penna.

Eu, depois de haver recommendado muito aos creados que olhassem pelas creanças, que as não perdessem de vista, que não fizessem outra cousa senão vigial-as, voltei para o escriptorio e recommencei o meu trabalho. Absorvido completamente pelos meus calculos, eu ouvia, de quando em quando, o estridulo argentino das risadas dos meninos á mistura com as falas e os risos dos creados e sentia-me tranquillillo. A minha penna, embaiada pela musca carilosa d'aquelles risos, revelava rapida e feliz sobre o papel e eu via com prazer as tiras esgulas, cheias de letras e de algarismos, amontoarem-se na minha frente.

Uma hora depois ella voltava, acompanhada por um homem carregado de embrulhos.

Foi um algazarra infernal.

— Mamão!... Mamão!... ahl está Mamão! dizem os meninos, batendo palmas e dando pulos de satisfação.

Eu ouvia e percebia tudo isto do meu gabinete, trabalhando sempre.

Ella entrou no escriptorio.

— Então como se comportaram elles? perguntou-me, offerecendo aos meus beijos o rosto pallido da nossa filhinha.

— Admiravelmente.

E posei, a penna, para tomar a creança nos meus braços e beijal-a.

Ellos — o Manoelito e o Alfredinho — haviam ficado na sala contigua a namorar os embrulhos.

— Não houve quedas, nem brigas, nem travessuras más?

— Nada.

— Viginaste-os sempre?

— Sempre.

E, distrahadamente, pensando n'uma formula algebraica que, minutos antes, havia escripto e cuja construcção me parecia defeltoza, tomei uma das tiras escriptas e comencei a reler-a. Ella trouxe-me a menina do collo e sahio. O trabalho absorveu-me de novo.



Os canarios da vizinhança continuavam a cantar ao desfilio, e o sol, então mais quente, invadia já a minha secretaria e mordida-me as costas.

Minutos depois, ella reentrou no meu escriptorio. Vinha visivelmente contrariada e exclamou logo :

— Então? Foi assim que olhaste pelas creanças?...

Um pouco assustado, perguntei, levantando-me :

— Mas... o que foi? o que houve?

— Veni ver.

Segui-a.

Levou-me primeiro ao nosso quarto de dormir. Que horror!... No centro da cama, erguia-se uma pyramide de cadeiras, enclmada por uma calxa de papellão de dentro da qual surgiam, n'uma grande pujança de vegetação tropical, as folhas carnudas e setinosas de uma begonia lindissima, que serve de ornamento á minha meza de jantar. Junto á cama via-se uma escada dupla que tinha servido de andaime para construcção d'aquelle monumento.

Não me foi possivel conter o riso.

Ella, esforçando-se em balde por fingir-se muito zangada, indicava-me com o dedo a colberta branca, alvissima, posta all uma hora antes, completamente zebraada pelas pegadas deixadas por quatro sapatinhos enlameados.

— Vês? pois não é tudo; dizia-me ella, querendo engulir o riso que, irrisistivel, lhe borbulhava nos labios.

E, deixando o quarto, tomou a dlrecção do jardim.

No jardim, as renovações tinham sido estupendas. Uma linda roseira — um *principe Alberto* genuino — que floria em uma tina proxima ao muro, tinha sido transplantada para o centro de um canteiro de morangos; dentro da tina e no lugar da roseira, via-se a armação de um guarda-chuva, desprovida de seda, completamente aberta e de cabo espetado ua terra.

Os pés de violetas de um alegrete tinham desaparecido todos e, em vez de violetas, o alegrete dava-se ao luxo de produzir botões de rosa que surgiam espontaneos da terra como pequeninos repolhos rubros!...

O caule vigoroso e onduido de uma beila trepadeira — a *glycinea* — que na primavera enflora de um azul celeste o portão do jardim, fora transformado em balanço e, em virtude do peso e dos arraucos que supportara, havia esgarçado!...

Pelos canteiros, em todas as direcções, viam-se os vincos fundos, deixados na terra fóta pela passagem de tres rodas de um velocipede irreverente e tresloucado. Uma calamidade!...

E, onde estão *elles*?...

Elles tinham desaparecido!...

Procurámo-los por toda a casa, de phisionomia carregada, rindo-nos á sucupa, ella por um lado, eu pelo outro.

Não appareciam.

Os creados esses admiraveis creados, como sempre, não sablam de cousa alguma, não tinham visto nada.

— Mas onde estão os meninos?...

Os meninos, não davam signal de si e já a inquietação se a poderava de nós.

Afinal, occorreu-me uma idea luminosa. Quando entrava, pela seguuda vez, no nosso quarto de dormir gritel :

— Quem quer pão de ló?

Respondeu-me logo a voz do Alfredinho, dizendo :

— Eu quero, eu quero.

Essa voz, porém, vinha do tecto!...

Do tecto!

Estupefacto, levantei a cabeça e vi então o Alfredinho acoorado no ultimo degrau da escada dupla muito quietinho, occultando-se com o cortinado da cama!

Receiundo uma queda fatal, cheguei-me de manso para a escada e, com o coração aos trancos, subi tremulo o primeiro degrau, de olhos cravados no enclabrado, cujo corpinho roliço desaparecia lá em cima sob as dobras do cortinado.

Ao longe, no ultimo quarto da casa, ouvia-se a voz *d'ella*, que dizia, u'm tom adocicado e medroso :

— Sai d'ahi meu filho, sai sem medo, que mamão não te fará mal.

Era de certo com o Manoelito, cujo esconderijo havia sido descoberto tambem.



Minutos depois, entravamos ambos na sala de jantar, ella por um lado, eu pelo outro, trazendo

cada um de nós pela mão, um d'aquelles dois terriveis leonoclastas, que em uma só hora de liberdade tinham revirado a casa toda.

Elles vinham pallidos, cheios de medo, silenciosos, de olhos cravados no chão e arcon-stricto.

Ella, para prevenir uma explosão possivel da minha colera, deu-se pressa em me comunicar que já havia castigado severamente o Manoelito; eu, pela minha parte, assevereti, muito serio, que tinha esfolado o Alfredinho.

Mentiamos como dois bandidos.

Elles entreolhavam-se desconfiados.

— Então, por agora — disse eu, de sobrecohu carregado, affectando una ares terriveis — por agora basta de pancadaria, já tiveram bastante; mas para outra vez... Sim, para a pringira que fizerem!...

E agitei a mão de um modo traqueo, pondo os olhos em alvo!...

Ella, já não podendo conter-se, soltou uma gargalhada e eu outra.

E, enquanto nos riamos, elles mariuhavam para os nossos collos e enchiam-nos a cara de beijos.

O Alfredinho inqueria-me por entre os beijos, olhando-me de frente com os seus olhos muito luzentes e pretos :

— Papai, você *gá-he* (gosta) de mim?

O outro armava á ternura da mãe, dizendo-lhe :
— Eu guardel uma coisa para você
E mostrava-lhe um bodego!...

Como não se hu de adorar a estes cherubina — mafarriços?...

Depois de muitos afagos, elles apoderaram-se dos embrulhos de doces e principaram a fazer n'elles o mesmo destroço que os francezes fizeram nos chins.

Voltei então para o meu escriptorio e formula, que antes não me sabia correcta, surgiu-me dos bicos da penna facil e perfeita.

E, enquanto as carroças passavam na rua e os canarios trilhavam, eu ouvia a voz do Alfredinho, que segredava ao Manoelito :

— Sabe? Papai não me bateu, não!...

E o Manoelito por sua vez :

— Mamão tambem não me bateu!...

Depois, ficaram muito tempo a cochlear.

Não ouvi mais nada, mas os patifes tramavam de certo uma nova revolta.

(Excerpto das *CARICIAS* — livro inédito)

GARCIA REDONDO.

GAZETILHA LITTERARIA

O trabalho que, firmado pelo nosso illustre collaborador Dr. Garcia Redondo, hoje publicamos é um excerpto do seu livro inédito *CARICIAS* (Viagem pelo paiz da ternura); livro intimo, feito de amor, bordado desses nada insignificantes que são a vida do coração e de que se fazem os grandes poemas.

E' uma obra no genero das de Loti, pelo lado do seu subjectivismo, mas, a julgar pelo delicioso trecho que hoje inserimos, deve ter mais variedade, mais movimento, mais alegria.

CARICIAS vae ser impresso e editado com todo o capricho e elegancia, ornado de finas gravuras sobre madeira, de que são specimen as que illustram hoje as nossas columnas.

Eis uma noticia de encher de contentamento os amantes das boas letras e dos bellos livros.

Na secção "Os que surgem" tem A SEMANA hoje o viva prazer de apresentar aos seus leitores e recomendar á attenção dos nossos confrades um novo poeta, o Sr. Themistocles Machado, natural do Ceará, que veio estudar na Faculdade Livre de Direito desta Capital.

A poesia que hoje publicamos — *Vatico* — pertence ao livro "Myrtos," prompto a entrar no prelo e que será prefaciado por Valentim Magalhães.

Nella se revellam qualidades notaveis de poeta e que serão affirmadas em outras composições que se lhe hão de seguir nas columnas desta folha, qualidades de fundo e de forma: — sentiment-

to imaginação, espontaneidade, correcção e elegância.

Parece-nos que devem esperar bastante as letras brasileiras do joven conterraneo de Antonio Salles.

A proposito da apresentação do joven poeta cearense, registremos com satisfação os bons resultados produzidos pela carta aberta dirigida por nosso director a Martins Junior em o n.º 3 da SEMANA e que foi por este reproduzida em um dos diários de maior tiragem do Recife.

Não só nos trouxe a colaboração do illustre poeta das "Visões de hoje," como tambem a de Faria Neves Sobrinho, de quem ainda no ultimo numero publicamos uma canção lindissima—Gervasio Fioravanti, Alcindo Coelho, Artur Lemos e outros escriptores do Norte, a que vêm juntar-se agora Themistocles Machado e outros, cujas produções estão na gaveta dos originaes aguardando a vez.

Além disso, vão-nos sendo enviados os livros novos, publicados por escriptores nortistas.

Era o que desejavamos; e se A SEMANA conseguir ser o espelho, humilde e pequeno embora, da litteratura de todo o paiz, sem distincção de regiões nem de escolas, realiado estará seu ideal.

SILVESTRE MINEIRO, assignatura da traducção premiada no concurso poetico, é pseudonymo do conhecido poeta mineiro Sylvio de Almeida, autor do livro EPHEMERAS.

Já lhe enviámos o respectivo premio —uma linda edição illustrada, "mignonne", de uma das peças de Molière.

MOLA REAL

Ha uma lei fatal que rege a natureza,
Uma vivida luz, oostantemente accesa.
Que alenta o coração e que sustenta a vida.
O mundo, como a flor sem viço, resequida.
Que em morbido laugor inclina-se ao galho,
Abre sequioso o seio ás gottas desse orvalho,
Quando fez o Universo, o Supremo Architecto
Sobre o orbe derramou o germen desse affecto.
Mais vasto do que o céo, mais forte do que o mar,
Levanta em cada peito um fervoroso altar;
E' nobre, impetuoso, heroico, omnipotente,
E' cego, e nada vê que lhe embarace a frente.
Não sabe o que são leis, não conhece o impossivel,
E é, como o proprio Deus, mystico, indefinivel.
Faz de um mendigo um rei, de um despota um
escravo,
De um justo um coudemuado e de um cobarde
[um bravo;
Liga em estreito abraço os incolos da terra,
Estabelece a paz e estabelece a guerra;
Soccorre a viuvez, ampara a orphandade,
E, subline, ideal, chama-se a Caridade;
Esmaga uma injustiça, escuda-se ao civismo,
E' o recto Direito, é o sancto patriotismo;
Em prol da humanidade off'rece uma existencia,
Immola Galiléo, e cbama-se a Sciencia;
Cada dia registra esplendido successo,
Faz prosperar o bem, é o colossal Progresso.

* * *

Este affecto grandioso, unico, incomparavel,
Que experimenta o feliz e sente o miseravel;
Este enorme motor, que o globo faz mover,
E faz brotar o riso e o pranto faz verter;
Terra da Promissão p'ra a qual sempre se avança,
Guiado por um facho—o pharol da esperanza;
Febre, hallucinação que leva ao sacrificio,
Tornando em ambrosia o calix do supplicio;
Magico talisman que permite a ventura,
Foice aguda, roaz, que cava a sepultura;
Que tem a suavidade e a doçura do mel,
E tem ao mesmo tempo o acre sabor do fel;
Este maravilhoso e herculeo sentimento,
Base, pedra angular de todo o monumento
Da obra da Creação; que a todos leva a palma,
Porque é o proprio Deus; este alicerce d'alma,
Esta noute, este sol, este riso, esta dôr
E' o que ha de mais nobre e mais sancto: é o
Amor!

DOMINGOS DE CASTRO LOPES.

MANA MINDUCA

"Volto afinal... Espera-me; irei hoje."
Mana Minduca sorriu. De pé, ao lado, o moleque esperava. Era em 80, na velha casa da rua de Riachuelo, ao canto da rua dos Invalidos. "Volto afinal..." Bem dita carta! Mana Minduca fitava attentamente os olhos no papel. Talvez não fosse a sua letra... E mirava o talhe delgado da escripta. Verdade é que não parecia a mesma. Um pouco mais firme... D'ahl, em doze annos a gente muda de letra. Valha-lhe Nossa Senhora! O moleque esperava, tímido, amarrotando o chapéo entre as mãos.

Bem dita carta! E Mana Minduca mirava o talhe delgado da escripta. Agora já lhe parecia que era delle. O córte d'aquelle t, os ll. "Volto, afinal." Era. Mana Minduca sorria. O sorriso derramou-se-lhe por todo o rosto, appareceu brilhando nos olhos. Nem havia mais duvidas. Era delle; Nossa Senhora trazia-o alfim. E Mana Minduca olha em roda. Parece-lhe que se alegra a sala. A mesa redonda, ao centro, coberta de poeira e de livros, é justamente agora tocada de um ralo de sol.

Esses que ha doze annos lhe fallam do rosto pallido, das lagrimas e da voluntaria clausura, vejam-n'a agora. Mana Minduca sorri; nem se lembra mais do moleque. Si alguém ha que vá passando na rua que surpresa não ha de ter quando vir que ella abre as janellas. Abre-as todas, não um bocadinho, como o faz ha doze annos, não como aquella por onde entrou o ralo de sol; abre-as de par em par. Debruça-se bem para fóra, cantarolando. Volta, senta-se. O moleque esperava, olhos fitos no chão, amarrotando o chapéo. Levantou a cabeça, olhou timidamente. Mana Minduca relia a carta. Por certo que era delle... Milagrosa Nossa Senhora das Dores!

—Tá intrégue?

O amo que fosse ficarla para allí, sem resposta, como o moleque. Mana Minduca está que não cabe em si de contente. "Volto, afinal." Aquelle "afinal" diz bem. Doze annos ha que o espera. Viram-se no fogo da Lapa. Que festa! Povo, assim... Mana Minduca deixava-se levar á toa. Chegou a pensar que aquillo já se la demorando muito. Mas, de subito, o coração estremeceu-lhe, quasi parou, até! Corou muito. Que tinha? Nada. Não deu mais um passo que se não voltasse para traz. E os seus olhos achavam sempre um par de olhos que iam em sua procura.

Doces olhos! Os delle unicamente, não; os de ambos. Os delle então, fol tamanha a impressão que lhe fizeram, a ella, que ainda agora se lhe destaca a scena da primeira noite em que os vio. Attenta bem no modo porque ella a faz reviver agora, á simples leitura daquella carta. Parece-lhe que lá vae outra vez pelo meio do largo. Povo, assim... O dono dos olhos lá está, apoiado a um lampião, quasi juntinho do coreto. Doze annos passaram já sobre tudo isto, e ella ainda os revê, aquelles doces olhos. Que festa! Mana Minduca demorava o passo. "Anda mais depressa" recommendaram. Era o pae. Ella disse que sim: "Sim, senhor." E voltou a cabeça para o lado do lampião. D'ahi por diante andou ainda mais devagar.

—Tá intrégue?

—Ah! Diga que está entregue... Olhe... Diabo de moleque! Diga que venha cedo, ouvio? A's 6 horas. Passe

pela porta que eu estou na janella. Que venha cedo, ouvio?

O moleque batia longe. Deitára a correr pela rua de Riachuelo acima. Em pouco já se não o avistava. Mana Minduca ficou á janella. Os olhos vagavam-lhe ao longe. Si elle não viesse... Mas ha do vir. E Mana Minduca fecha os olhos para revel-o bem. Que figura terá elle agora? Ha doze annos era magrinho, com um pequeno buço; mas em doze annos a gente muda. Deve estar gordo. Dizem que em S. Paulo se engorda, por causa do frio; e elle volta de lá—bacharel em direito.

Levou doze annos a fazer o curso. E' muito tempo, mas ha quem tenha levado mais. Um visinho, para amostra—o Quincas, neto do conselheiro Domingues. Levou dezoito annos em S. Paulo e veiu com o curso alnda por acabar. Concluiu-o em Pernambuco. Ha tantos outros... Bacharel em direito! Dr. Eduardo de Campos Lustosa, Dr. Campos Lustosa, advogado. Campos Lustosa é um nome que fica bem á porta, n'uma chapa escura, com letras pintadas a ouro. "O Dr. Eduardo de Campos Lustosa e D. Carminda de Barros Lustosa participam a V. S. o seu casamento..."

Pensamento de Mana Minduca, detende-vos! Coisas ha em que toda a precipitação é perigosa. Mas vão lá deter o pensamento de uma moça que esperou doze annos pelo noivo e tem-n'o agora á mão. Dr. Campos Lustosa... "O Dr. Eduardo de Campos Lustosa e D. Carminda de Barros..." Carminda de Barros ou Carminda Vianna Lustosa? O pae é Frederico Vianna de Barros; Chico Vianna, conferente da alfandega. Vianna talvez ficasse melhor, ou Vianna de Barros. E Mana Minduca sonha já com os seus cartões de visita—lilaz, dourado nas extremidades, com uma pontinha dobrada e o nome em corpo minusculo; "Carminda Vianna de Barros Lustosa."

Volta, afinal! Virá pedil-a por certo. Doida é ella que se não prepara para recebê-lo. E Mana Minduca correu para o quarto. Olhem-n'a. Abre gavetas, fecha gavetas. Procura, esquadrinha, meche, revolve... Tres vezes sahio prompta. O espelho, porém, grita-lhe que já se não sabe vestir. E Mana Minduca volta. Destrança os cabellos, solta-os, trança-os de novo. Davam cinco e meia. Valha-lhe Nossa Senhora! Mana Minduca veiu para a janella.

Veiu para a janella. Santa de que ella é devota, poupa-lhe a dor de ficar allí eternamente a esperal-o... Fóra, ia cahindo a noite. Mana Minduca debruçou-se quasi toda para as trévas; interrogou o fim da rua, longe. Ninguem; a noite apenas, Mana Minduca mergulhava bem os olhos na escuridão da noite. Um homem passou, lépido, correndo de um para outrolado. Atraz delle iam ficando accesos os lampêes de gaz... O frio augmentava sempre; frio de Junho, frio que penetra a alma.

Valha-lhe Nossa Senhora! Mana Minduca distinguio alguém, longe. Não lhe via bem o rosto, via-lhe apenas o vulto. Vulto de homem. Mana Minduca debruçou-se bem da janella. O homem apoiára-se a um lampião. Alguém, perto, dizia-lhe qualquer cousa. Agora, eil-o que mettia a mão no bolso. Tirou um objecto, deu-o. O outro desappareceu a correr. Em pouco já se não o avistava. E o homem approxiou-se. Talvez fosse o Lustosa... Não era. Era um sujeito baixo, gordo. A barba inteira cobria-lhe

o rosto antipathico. Mana Minduca teve vontade de sahir da janella. Antes sabiasse! Mas ficou.

O homem approximava-se mais. Quem quer que fosse com certeza que andava á procura de alguém. Demorou-se um bocadinho ao canto da rua dos Inválidos. Depois, velu, devagarinho. Mana Minduca viu-o passar, olhando-a muito. Parecia que o homem tinha vontade de fallar-lhe. Ella propria julgava que já o vira. Mas onde? Não sabia. O homem foi até mais adiante e voltou.

Agora, vinha resolutamente. Deteve-se á porta, tirou o chapéo. Que diabo queria elle? O homem murmurava o que que era. Mana Minduca desbrucou-se mais para ouvi-lo.

— O Sr. Vianna de Barros?

— E' papae; móra aquil mesmo.

O homem levantou a cabeça, fitou-lhe bem o rosto magro. Que olhar curioso! Mas agora o rosto do homem tomava uma expressão de piedade.

— E... e uma sua filha solteira?

Mana Minduca não respondia. O homem não lhe tirava os olhos do rosto:

— E uma sua filha solteira?

— Minduca? Sou eu.

— Ah! é a senhora!

E o homem levou a mão ao chapéo. Santa de que Mana Minduca é devota, dizel-lhe que esse que ali está é o mesmo que ella espera ha doze annos. Mas o homem levou a mão ao chapéo:

— Ah! é a senhora! Pois, minha senhora, queira desculpar...

E seguiu. Que bem verdade é que doze annos de lagrymas envelhecem a gente. Nessa que ali ficou á janella, quem ha que possa reconhecer a moça do fogo da Lapa? Vejam como o Lustosa lá vac, a toda pressa, á procura do bond. Aquelle não volta nunca mais. E Mana Minduca ficou á janella. Não o reconheceu, não comprehendendo nada. Espera sempre como na véspera, como ha doze annos. E a noite augmenta, o frio cresce com ella; Mana Minduca mergulha bem os olhos na escuridão da noite...

PEDRO RABELLO.

SCINTILLAS

A Henrique de Magalhães

Ha alguma coisa que inda me impulsiona Para as regiões do bello e do sublime; De entre as fizes aljofra e sobe á tona Uma impressão que a magua e a dor redime.

Sinto alentar-me, ainda, de tua alma Essa commum particula divina Que nos dourava uma existencia calma, Filha do Azul, estrella vespertina!

Negros de inferno, hlanetes de pezaros, Mãos, aggressivos, baixos e cobardes Corrent-me os tempos, contam-se-me os dias!...

Porém, emquanto não me abandonares, Veulam miseria e dor com seus alardes: Transformaremos tudo em alegrias!... Juiz de Fóra.

SILVA TAVARES.

OS COLLEGAS

O conhecido e apreçado jornal lisboense "Diario Illustrado," de propriedade do Sr. José Maria Baptista de Carvalho, acaba de publicar no seu numero de 31 de outubro proximo passado o retrato do nosso director, Dr. Valentim Magalhães, acompanhado da biographia escripta ha tempos pelo nosso distincto amigo Dr. Lucio de Mendouça e que o "Album" estampou nas suas columnas de hora.

Precedendo a mesma biographia, o nosso distincto collega do "Diario Illustrado" escreveu algumas linhas chelas de viva sympathia e de extrema benevolencia, que agradecemos penhorados.

Por ordem da Policia foram tambem suspensos no dia 6 do corrente os nossos collegas THE RIO NEWS e L'ETOILE DU SUD, que prefazem o numero de oito jornaes suspensos.

E' o caso de dizer com o povo "Mal de multos consolo é."

OS QUE SURGEM

VIA TICO

Deixa que á sombra morna e carinhosa Do teu pequeno e carinhoso leito, Descanse a minha fronte angustiosa Sobre a pellicia branca do teu peito.

Trago os pés lacerados dos espinhos, O coração das urzes lacerado, Dá-lhes a luz do teu olhar magoado, O calor baptismal dos teus carinhos.

Venho de estranhos climas foragido, Das remotas paragens da Saudade, Sósinho, triste, exanime, ferido, Pedir conforto á tua mocidade.

Estrela de um sonhado paratizo, Irmã dos anjos, pura entre as mais puras, Venho pedir a unção do teu sorriso Para as minhas secretas amarguras.

Ao sopro quente e bom do teu bufejo A alma resurge do antro dos pezaros, Banhada pelo orvalho do teu beijo, Purificada pelos teus olhares.

Teu amor é o sacrario estrelado, Cheio de luz, de paz e redempção, Onde, livre das chammas do peccado, Eu abrigo o meu triste coração.

Deus te acompanhe sempre aonde fores E te proteja sempre onde estiveres! Oh! flor mais pura do que as outras flores, Bemdieta sejas tu entre as mulheres!...

THEMISTOCLES MACHADO.

Dos "Myrtos"

Factos e Noticias

O telegrapho transmite-nos a noticia do fallecimento de Luiz Augusto Palmeirim, director do Conservatorio de Lisboa.

Poucos saberão talvez que este nome é o de um poeta que teve a sua epocha, espontaneo como poucos, e que mereceu a consagração popular, como ainda nenhum outro.

Ha trinta annos não havia palacio ou choupana onde se não entoasse:

"Eil-o erguido no topo da serra Recostado no seu arcabuz.

Proclamaram-no o Beranger portuguez. Houve exagero na cognominação; mas o homem que conseguiu com as suas trovas levantar a alma do povo em transportes do mais acendrado patriotismo merece uma lagrima á sua memoria.

O senador Ruy Barbosa dirigin de Buenos-Aires ao "New-York Herald" a 4 de Novembro, o seguinte protesto em nome do partido da revolução:

"Acabamos de saber que no estrangeiro se espalha a opinião de que o nosso fim é restaurar a monarchia. E' falso e absurdo. O Brasil permanecerá fiel á republica, mas não aceitará o governo de um dictador militar. O almirante Mello é dedicado á republica e quer apenas restabelecer o regimen con-

stitucional. Declara que qualquer tentativa de restauração será por elle repellida com energia. A marinha é absolutamente republicana."

Com a assistencia de varios artistas e representantes da imprensa, realizou-se, na quinta-feira da semana passada, no salão da casa Bevilacqua, o pequeno concerto do tenor portuguez Nascimento, chegado ha pouco a esta cidade.

O programma constou de uma parte unica em que figuraram as tres bellissimas árias da "Martha", "Gloconda" e "Mignon" e uma canção hespanhola que levantou muitos applausos. O tenor M. Nascimento possui voz agradável e forte, mas o que nos pareceu é que as notas que elle emite, quer sejam fortes ou fracas, vêm-lhe da garganta, o que para os artistas e entendedores parecerá uma falta. Em todo o caso, e esta é opinião de muitos artistas presentes, o Sr. Nascimento tem valor como artista e não precisa lutar muito para fazer-se applaudir pelo nosso publico.

Consta-nos que o illustre tenor pretende dar alguns concertos nesta cidade.

Felicitemo-o desde já pela sua idéa e cá estamos para applaudil-o como bem o merece.

Na PLATÉA, jornal de S. Paulo, encontramos a narrativa do "interview" que teve um de seus "reporters" com o Dr. Eduardo Prado a proposito da apprehensão feita pela policia de toda a edição do seu livro A ILLUSÃO AMERICANA.

Como simples curiosidade, sem, está claro, fazermos nossas as opiniões do illustre entrevistado, transcrevemos a referida narrativa. Ell-a:

"O Dr. Eduardo Prado recebeu muito graciosamente o nosso companheiro e não pareceu dar muita importancia nem ao livro nem á sua prohibição.

Eis, mais ou menos, o que elle nos disse: — Na minha infancia, havia na rua de S. Bento um sapateiro que tinha uma taboleta onde viuha pintado um leão que, raioso, mettia o dente n'uma bota. Por baixo ha-se: Rasgar pôde—descozer não. De-me licença para plagiare o sapateiro e para dizer: Prohibir podem, responder não.

Quanto ao honrado chefe de policia, penso que S. Ex. lisongeeu-me por extremo julgando a minha prosa capaz de derogar instituições tão fortes e consolidadas como são as instituições republicanas no Brasil.

Demais, S. Ex. pôde dizer-se que, só por pulpite, prohibiu o livro. Sabem o volume ás 4 horas e ás 5 foi prohibido, antes da autoridade ter tempo de o ler.

Confesso que a publicação foi um acto de ingenuidade da minha parte. Não quero dizer que confiei e por isso digo antes que estribei-me no art. 1º do decreto n. 1.565 de 13 de Outubro passado, regulando o estado de sitio. O vice-presidente da Republica e o Sr. seu ministro do interior disseram nesse artigo:

"Art. 1º. E' livre a manifestação do pensamento pela imprensa, sendo garantida a propaganda de qualquer doutrina politica."

E com suas assignaturas empenharam a sua palavra nessa garantia. Escrevo um livro sustentando a doutrina politica de que o Brasil deve ser livre e autonomico perante o estrangeiro e adopto o aphorisma de Montesquieu de que as republicas devem ter como fundamento a virtude.

O governo é contrario a essas opiniões e está no seu direito. Manda, porém, prohibir o livro. Onde está a palavra do governo, dada solemnemente n'um decreto, em que diz garantir a propaganda de qualquer doutrina politica?

A sabedoria popular diz: Palavra de "rei" não volta atraz. — O povo terá de inventar outro proverbio para a palavra do vice-presidente da Republica."

Foi deportado o cidadão francez Georges Héroult, ex-redactor-chefe do Echo du Brésil, que nós receberamos nestas columnas com as mais finas amabilidades, por não sabermos das torpezas que contra o Brasil e os brasileiros vomitara

aquelle senhor nas suas correspondencias para o GIRONDE e outros jornaes europeos. Oxalá produza bons resultados, como exemplo, esse acto de louvavel energia do governo.

MAGDALA, é o titulo de uma excellente walsa poetica do conhecido Sr. Julio Reis. Enviou-nos um exemplar dessa nova produçãõ a casa Fontes & Cia, nossos visinhos, que dispõe de bem montada officina lithographica e editora de musica. A capã da excellente walsa é um primor.

A POLITICA

A sahida do "Aquidaban", levando a seu bordo o chefe da revolta, precedido pelo "Esperança", frigorifico de grande velocidade, e acompanhado de uma torpedeira de alto-mar, na madrugada de 1 do corrente, veio mudar inteiramente, cremos, a marcha dos acontecimentos, comquanto não altere sensivelmente a face da questãõ deploravel que ha tres mezes convulsiona, inquieta e depaupera o paiz.

A nós, profundos ignorantes de materias bellicas, terrestres como maritimas, não nos causou nenhuma estranheza a sahida do "Aquidaban", não só porque antes já haviam sahido, forçando a barra, o "Republica", o "Pallas", o "Meteor", o "Uranus" e outros navios, como porque sempre nos quiz parecer que exactamente para affrontar fogos de fortalezas e mórmente, maerobias e imperfeitas como as nossas, é que se constróem monstros de aço como o "Aquidaban."

Mas a imprensa e a gente governistas "à outrance" haviam falado taõto em torpedos na barra, encerramento da esquadra na bahia, ameaças de fazer ao "Aquidaban" o mesmo que se fez ao "Javary", isto é: fural-o e mettello a pique com uma bala Krupp calibre 32, que a repetiçãõ da aventura do "Republica" entrou a parecer-nos quasi impossivel.

Que aconteceu? Realizou-se, com immensa repercussãõ na opiniãõ publica. De quem a culpa do mau quarto de hora que ao prestigio do governo fez passar aquelle feito dos revoltosos? Do "ursismo" dos seus amigos, unieamente.

Desde o dia 6 de Setembro que o Sr. Vice-presidente deve ter erguido ao Deus dos Exercitos a supplica famosa: "Livra-me, Senhor, de meus amigos, que de meus inimigos me livrarei eu."

Tem sido notavel a inhabilidade dos defensores do governo legal, principalmente alguns jornaes. Prejudicam-n'o tanto, defendendo-o, que melhor fariam se o accusassem, porque a ineptia das accusações convertel-as-lia em defesa.

Cegos de paixãõ, desvairados de partidario, furiosos de intransigencia, inventam e chegam a negar a propria evidencia.

Qual o resultado? O resultado é que como o publico, o povo, a populaçãõ lezente não é toda composta de apaixonados como elles, nem de bochos, reconhece a verdade e ri-se de taes "amigos".

Uma dessas miserias é negar a bravura, o denodo, o heroismo dos homens da armada, dos marinheiros revoltados e de seus chefes, é cuspir-lhes diariamente a calunnia e a injuria de cobardia.

Por isso, encheu-nos de satisfiçãõ o editorial do "Brésil Republicain" do dia 6. Transcrevemos, traduzindo-os, os trechos fimes, em que justiça é feita ás forças de terra como ás de mar:

"Uma cousa, porém, certa, é que, de parte a parte, desenvolvem-se a mesma actividade, a mesma energia e a mesma coragem, e que, tanto na marinha como no exercito, tanto nas forças legas como nas forças revoltosas, esta coragem chega ás vezes á temeridade e ao heroismo. A valorosa defesa de Niteroy, resistindo durante tres mezes e victoriosamente, nos ataques e aos bombardeios dos couraçados e de Villegaignon, sobretudo a tomada da Armação e a sua guarda pelas tropas, pode-se dizer que improvisadas, defeza a peito descoberto, a toda hora do dia e da noite do immenso litoral do districto federal; serviço esse feito, ora pela guarda nacional, ora pelos corpos de voluntarios ou ainda pelas forças de linha e os batalhões patrióticos etc. e, de outro lado, a resistencia da guarniçãõ de Villegaignon, a temeridade dos marinheiros em varias de suas tentativas contra a terra, a sahida do "Republica" e do "Pallas" e hontem ainda a do "Aquidaban" e do "Esperança" são feitos que muito honram a nação brasileira, mas fazem ao mesmo tempo lastimar que todo esse heroismo, toda essa bravura sejam postas em acção de irmãos contra irmãos, contra cidadãos da mesma patria, n'uma luta que só pôde trazer-lhe o luto e o sofrimento. Mas o estrangeiro observador pôde apreciar o que valeriam e fariam o exercito e a marinha brasileira no caso de guerra contra o estrangeiro e ficar certo de que este povo ha de saber portar-se como deve, se algum dia forem atacados a sua independencia e a sua honra."

CORREIO

Sr. A. DE C.—A poesia que nos enviou e a que deu o titulo:—"Confidencia"—precisa de ser limada.

Pecca duas vezes, a sua produçãõ, pois além de frivola, primeiro peccado, traz erros de metrificaçãõ, peccado segundo e imperdoavel num poeta. V. S. confunde a cada passo decasyllabos com versos de nove syllabas. Dou como exemplo a estrophe abaixo, cujo primeiro verso é onosyllabo, sendo os demais decasyllabos:

Hontem á noite como era bella (9)
Toda de branco, num sorrir divino, (10)
Como meu peito suspirou por ella, (10)
Por esse alvo cysne peregrino (10)

(Este ultimo é frouxissimo!)

V. S. do que precisa para produzir versos aproveitaveis é de ler os mestres. Aconselho-lhe os versos de Raymundo Corrêa, de Olavo Bilac, de Machado de Assis, Alberto de Oliveira, Victor Silva e outros.

Leia-os e só depois de muito confabular com elles, dê-nos um ar de sua Musa. Parece-me que lhe estou dando um conselho de amigo, não acha? Olhe, não se esqueça de estudar metrificaçãõ, porque, poesia sem ella é como musica sem compasso e pão de loth sem ovos.

Sr. CENZANO.—Da sua caceteaçãõ só poderel vingar-me despejando-lhe pela cabeça abaixo as tolices da primeira quadra do seu soneto "Calma aparente." Lá vou emborcãl-a (leitor, acoute-la-te!):

Oh! quantas vezes no imo de tu'alma,
Dirás lembrando-te, talvez, chorosa,
Que ironia aquella! Eu na paixãõ nervosa,
Elle tão pallido em lascivia calma

Ora pipocas! Pois não vê que isto de estar mettido em lascivia calma é ainda mais vergonhoso do que errar versos? Valha Deus, homem! E continúa o amigo:

Eu procurava então embriagar su'alma
Do meu seio uma violeta perfumosa etc.

E depois:

E que, á noite, ao meu leito tu não vinhas.

Santa Barbara! Pois não é que o homem queria que o carro andasse adiante dos bois? E nem ao menos tem vergonha de dizer que estava pallido, quando ella estava "na paixãõ nervosa."

E depois de tamanho fiasco ainda quer o banana que...

Santa Quiteria de Meca!...

Ainda nos vem falar em "violeta perfumosa do seio." Que pretensão!

Quaes violetas! Cravo de defunto é o que você lá tem na peituga! Se assim não fosse...

Calate, boca!

Sabe que mais? Trate d'essa pallidez!

Isso é um perigo.

Tonicos para a frente!

Sr. L. T.—Quatro versos errados num soneto leva um poeta a galés perpetuas!

São pelo menos quatro cadeias que o prendem á ignorancia!

Quando vi seu soneto escripto a tinta vermelha com uma florinha separando cada estrophe, pensei que aquillo prestasse para alguma cousa; mas apenas comeci a lê-lo foi-se tudo quanto Martha fiou! Vi logo que não dizia a cara com a careta.

"O nada é a vida," diz V. S. Muito bem. E a tollice? E' capaz de me dizer o que é a tollice? Si não puder dar-me esta

definição queira ao menos dizer-me, quantas eram as nove Musas.

Diz mais V. S.:

"Sensato sómente é o suicida."

Sim Sr., concordo. E' uma opiniãõ como qualquer outra. E tanto é verdade que só o suicida é sensato, que V. S. de sensatez, tem tanto como eu tenho de grego.

Quando cá receber um dia uma poesia sua com senso commum, tratare logo de rezar-lhe pela alma, visto que o Sr. é o proprio a dizer que só terá juizo no outro mundo. São "opiniões!"

Mas meu caro, quer o conselho de um tolo? Vá se deixando ficar por cá, mesmo com a maluqueira que o apoquentã e diga que o engano.

Se me derem a escolher entre um asno vivo e um philosopho defunto, está claro que escolherei o asno, ainda que faça lombo duro á sahida!

Sr. M. P. C.—Seus versos são passaveis.

Em seus sonetos, manda a verdade que se diga, não encontrei um verso errado. Deploro apenas que V. S. não ponha a sua Musa ao serviço de idéas mais levantadas e menos communs. Encontrei tambem um perfumesinho de piegulce nas suas produções; mas isto quasi que não é defeito. Tanto assim que peço venia para transferir para aquil um dos originaes que me mandou, fazendo-lhe ao mesmo tempo a promessa de procurar na Collaboraçãõ um lugar para o outro.

O que escolhi para esta secção é o seguinte:

O CASAMENTO

O casamento é uma canção dourada,
Toda repleta de emoções fogosas,
Onde farfalha a seda de custosas
Roupaçens niveas d'uma esposa amada.

Em cada verso, em cada linha, em cada
Phrase puñulam sonhos eor de rosas;
E por entre carinhos languorosos
Beija o filhinho a doce esposa amada.

Mas quando o esposo a arte pouco estima,
A abandonando a mais formosa rima,
—O filho louro que sorri num berço—

O casamento, essa canção dourada,
Então se torna uma canção truncada,
Porque lhe falta o derradeiro verso!

M. P. C.

Depois disto vá pensar que tenho, como talvez lhe pareça, um coração de javali! Não sou tão matamouros como talvez pense.

Sr. R. X. L.—A sua poesia é tão longa que a meio caminho da leitura, bumba! cahi extenuado! Tem bem legua e meia, fóra a cauda!

Mas, agora, diga-me cá o amiguinho: onde diabo poude desencovar tanta sandice? Pois é possivel caber tanta batata num só cabaz?

"Rosas desfolhadas" els como V. S. lembrou-se de baptisar o seu destempatorio rimado. Lá desfolhado, e bem desfolhado é elle, mas rosas!? Santo Deus! Que calunnia ás pobres flores, que não fazem mal a nlungem.

Tenha paciencia, aquillo cheira-me muito, mas é a jarriinha, a flor tão primorosamente descripta pelo nosso inspirado e distinctissimo collaborador Garcia Redondo na sua inimitavel "Botanica amorosa."

Abotoe-se, Sr. X das duzias, obotoe-se com esta, e ponha-se ao fresco, antes que eu lhe atire por cima a propria quitanda que em tão má hora nos mandou (desgraça de que sempre Deus o livre).

ERICO.

Tratos á bola

Como sempre, os valentes campeões que honram estas columnas, portaram-se como verdadeiros tigres!

Cahiram sobre as pobres charadas com tal denodo, que ellas ficaram mais rasas que um prato. Foi um combate feroz!...

Quem desta vez cantou victoria em primeiro lugar foi K. T. Portou-se com uma galhardia digna de nota. Cheguese, portanto, ao premio e diga que lhe engano.

Logo em seguida chegaram-se á fala, os seguintes topetudos — "Falstaffino Bibliophilus" (que matou algumas), "Pi, que perdeu 2 tiros, Amor-Perfeito, Thianor, Alva Colombina, Valerino Madilena, Nemocid, Bigode de Arame, Arraza-Pratos, Violetina e P. K. Dor (A ambos agradeço o reforço mandado).

Enão é que P. K. Dor, só agora é que se lembrou de mandar as decifradellas do n.º 16?! Que peccado!

As do ultimo "numbaro" são as seguintes:

1ª, Valentim Magalhães, primoroso "conteur"; 2ª, Carapá; 3ª, Palanque-Palanquim; 4ª, Sabujo-Sabugo; 5ª, Pinhola-pinhota; 6ª, Petropolis; 7ª, Regata; 8ª, Manacá; 9ª, Catalogo; 10ª, Lilazia; 11ª, Um-mú; 12ª, Mutum.

Agora livra! que lá vae lenha fresca! Sr. Marquez, tem a palavra.

ENYGMATA

O K

MARQUEZ.

LOGOGRIPHO

A' LILAZIA

Se o bello rio passar, 2, 3, 6, 1.
Minha senhora, 5, 4, 7.
Mesmo em frente vai me achar.
Decifre agora.

LORD NECKWER.

CHARADA EM TERNO

Se tiveres a vontade
Deste ganhos arranjar,
Passe a tinta na charada
Para o amigo decifrar.

AMOR-PERFEITO.

ALEXANDRINA

ELLE: Nome de homem mui facil de encontrar.
ELLA: Mimoso flôr; procura que has de achar.

FRITZ.

A' LILAZIA

E' uma flôr muito mimosa
E tambem muito estimada — 2
E' verbo — 2

E' dama formosa
Decifre agora a charada.

LOGOGRIPHO (por syllabas)

Que escrevesse, me disseste
Uma missiva de amor — 1—3.
E no teu olhar me deste
Um assumpto de valor.

Então busquei um lugar — 2—3
Cheio de sombra e de flôres,
Onde fosse imaginár
A carta de teus ardores.

Procurei palavras bellas.
As imagens mais formosas,
Radiando a luz de estrellas
Desprendendo olor de rosas.

Mas foi isso insana lida
Que o cer'bro quasi consome,
Só pude escrever:

"Querida"

E logo após o teu nome.

LILAZIA.

CHARADA

A FREI ANTONIO

Vá depressa, caro amigo — 1
Lá na caverna buscar — 2.
Que a planta medicinal
Com certeza deve achar.

VANÔRA.

E agora que todos os "famas deram o seu recado, permittam que tambem o fradeco diga alguma cousa. La vai:

Aqui se finda — 2
A medicação — 2
Que a medição
Pertence ainda.

'Stá com o major, que pergunta! — 2
Mas no meio do telheiro, — 1
Da cara metade juncta,
Fica muito mais vasqueiro. — 1

CONCEITO

Porém semelhante cousa
Faz qualquer dar o cavaco;
Se outra vez o amigo ousa
Apanha p'ra o seu tabaco.

Este som, com este som, feito de sons — 1—2.
E mais nada.

De S. Paulo foi premiado Ninguem, porque ninguem veio.

Em seguida apresentaram-se galhardos os ausentes.

De Minas tem direito ao premio a mesma pessoa que a teve em S. Paulo. Vieram em seguida uns pungas que nada, absolutamente nada fizeram. Eraram da primeira á ultima. Benza-os Deus!

Por despedida vou dar uma novidade palpitante no genero charada. E' de pôr tonta até a cabeça do "Canhoto". Lá vae. Quero ver quem a destrincha:

Branco é, gallinha o põe;
Com elle se faz fritada.
Quem quebrar desse ovo a casca...
Não chucha nada!

E até ás uvas!

FREI ANTONIO.

P. S. "Nemocid" Aceitarei com nil vontades a sua collaboração.

"Paulista Monteiro". Optima a "lenha" que mandou. Obrigadissimo.

"Papa-fina". O que mandou é aproveitavel. Sahirá em tempo.

"Thianor". Recebi; pelo que muito lhe agradeço.

FREI ANTONIO.

A SEMANA

Continuando a sua primitiva maneira de ser, e para em tudo respeitar as tradições da folha, concedemos aos Srs. assignantes quites com ella, mas só a estes, as seguintes vantagens:—a) fazer á folha uma consulta medica ou juridica por mez; b) fazer-lhe perguntas ou pedir-lhe informações sobre qualquer assumpto. Tanto aquellas como estas serão respondidas com a maxima presteza, em ordem chronologica e do modo mais satisfactorio que nos for possivel.

O serviço de consultas gratuitas foi introduzido na imprensa brasileira pela "Semana" e é uma vantagem de grande valor para o assignante, por poupar-lhe algumas dezenas de mil réis no anno.

Como as respostas ás consultas são dadas pelo correio, só serão respondidas as que vierem acompanhadas dos respectivos sellos.

Roga-se aos Srs. assignantes o favor de indicar, sempre que possam, o numero de seu recibo quando hajam de consultar-nos.

A SEMANA

São representantes e agentes d'A SEMANA

Em S. Paulo — Os Srs. José Filinto da Silva e Achilles Spilborgha.

Em Santos — Os Srs. Azevedo Sodré Junior e Weinmann & C.

Em Campinas — O Sr. A. Genoud.

Em S. Carlos do Pinhal — O Sr. Carlos de Carvalho.

Em Tieté — O Sr. Julio Garcia Vieira.

Em Ouro Preto — Os Srs. Zoroastro Pires e J. A. de Souza Vianna & C.

Em Juiz de Fora — Os Srs. Annibal Jaguaribe e Rodrigo de Souza Borges.

Em S. João d'El-Rey — O Sr. Arthur Alvim.

Em Barbacena — O Sr. Dr. Feliciano Penna.

Na cidade de Palma — Os Srs. Raulolpho Barbosa & C.

Em Porto Alegre — O Sr. A. Mazon.

Na Parahyba do Sul — O Sr. Verissimo Pacheco.

Em Campos — O Sr. Mario Fontoura.

Em Santa Theresa de Valença — O Sr. Antonio de Avellar Werneck.

Na Victoria — O Sr. Manoel Corrêa de Jesus.

Na Bahia — Livraria Olivieri, do Sr. Fernando C. Koch.

Em Sergipe — O Sr. Jacintho Gentil de Almeida.

Em Maceió — O Sr. Enéas Moreira, a Livraria Francino e a Livraria Novo Mundo.

Em Pernambuco — Os Srs. Dr. Isidoro Martins Junior e Hugo & C.

Na Parahyba — O Sr. Manoel Henriques de Sá.

No Rio Grande do Norte — O Sr. Manoel Coelho da Silva Oliveira.

No Ceará (Fortaleza) — Os Srs. Antonio Moreira de Souza e Joaquim José de Oliveira & C.

No Ceará (Baturité) — João de Pontes Medeiros.

No Maranhão — Os Srs. Ramos d'Almeida & C.

Omittimos os nomes de alguns amigos a quem escrevemos, porque não tivemos até esta data resposta das respectivas cartas. Uma vez, porém, que estas cheguem, postosamente incluiremos os que se dignarem aceitar a agencia da "Semana".

No escriptorio d'A SEMANA, rua dos Ourives n. 71, 2.º andar, accitam-se encomendas de trabalhos typographicos de qualquer natureza, garantindo-se a modicidade nos preços e absoluta nitidez.

ANNUNCIOS**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado

115 — Rua Sete de Setembro — 115

Rua da Carioca, 12 e 14

FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAESRibeiro de Carvalho & C.
RUA DO PASSEIOTêm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc.**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

O PEDAGOGIUM

13 Rua do Visconde do Rio Branco 13

BIBLIOTHECALaboratório de Chimica, Gabinetes de Physica
e Historia Natural.**EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR**

ESTÁ FRANCO AOS ESTUDIOSOS

Nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde

REVISTA PEDAGOGICAOrgão do PEDAGOGIUM. Distribuição gratis aos
Srs. Professores.

ESTA PUBLICADO O 1º FASCICULO DO TOMO V

Dr. P. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VALENTIM MAGALHÃES

ADVOGADO

RUA DOS OURIVES N. 71

SEGUNDO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.